

Melancolia e saudade do migrante sertanejo na Amazônia paraense no romance *Terra de Icamíaba* de Abguar Bastos

Melancholy and longing for the migrant from the Pará Amazon in the novel *Terra de Icamíaba* by Abguar Bastos

Jorlei de Lima Mescouto ¹

Resumo: A literatura paraense dispõe de vários registros a respeito da migração sertaneja na Amazônia, e este artigo tem o objetivo de corroborar a melancolia e a saudade desses migrantes, uma vez que foram praticamente obrigados a migrar, devido às péssimas condições de vida impostas no Sertão nordestino. Averigua-se o processo migratório para o Pará, visto que tal assunto é relevante para a cartografia paraense do começo do século XX, por uma ótica do migrante na Amazônia. A pesquisa é bibliográfica, tendo como *corpus* de análise o romance *Terra de Icamíaba* (1934), do autor Abguar Bastos, e utilizando como referencial teórico outras produções que também tratam sobre a migração na Amazônia, Bertini (2016), Braga; Silva (2013), Buriti (2012), Cunha (2020), Furtado (2018), Reis (2022), Sayad (1998), Scliar (2008). Por meio deste estudo, evidencia-se como o romance *Terra de Icamíaba* representa a melancolia e a saudade dos migrantes sertanejos, contribuindo para as discussões sobre migração na literatura paraense.

Palavras-chave: Migração; Melancolia; Saudade.

Abstract: The literature of Pará contains numerous accounts of migration from the Sertão to the Amazon, and this article aims to highlight the melancholy and longing felt by these migrants, who were practically forced to migrate due to the appalling living conditions in the northeastern Sertão. This study examines the migratory process to Pará, as this topic is relevant to the early 20th century history of Pará, viewed from the perspective of migrants in the Amazon. This is a bibliographic study, using the novel *Terra de Icamíaba* (1934) by Abguar Bastos as its *corpus* of analysis, and drawing on other works that also address migration in the Amazon as a theoretical framework: Bertini (2016), Braga; Silva (2013), Buriti (2012), Cunha (2020), Furtado (2018), Reis (2022), Sayad (1998), and Scliar (2008). This study highlights how the novel *Terra de Icamíaba* portrays the melancholy and longing of migrants from the Sertão, contributing to discussions about migration in the literature of Pará.

Keywords: Migration; Melancholy; Longing.

¹ Graduado em Letras – Português, pela Universidade Federal do Pará (UFPA) – Campus universitário de Bragança.

1 Introdução

Na literatura paraense encontram-se narrativas de migrantes oriundos do sertão nordestino que se deslocaram para o estado do Pará. Embora Sayad (1998) trate principalmente da imigração entre países, suas reflexões também podem contribuir para compreender alguns aspectos da migração interna, considerando as diferenças entre esses deslocamentos. Nesse sentido, suas ideias ajudam a pensar as contradições vividas pelos migrantes nordestinos que se deslocaram para a Amazônia, uma vez que uma das características do fenômeno migratório é contribuir para “dissimular a si mesmo sua própria verdade” (Sayad, 1998, p. 45).

Ademais, tal mudança não garante uma permanência duradoura, já que não se sabe ao certo se os migrantes permanecem, ou logo se mudam novamente, sendo caracterizados como indivíduos marginalizados no meio em que se encontram. Fato é que a questão econômica se torna um motivo crucial para essa ação, uma realidade em que os retirantes em alguns momentos podem ser vistos apenas como mão de obra, isto é, como solução para suprir a ausência de trabalhadores na Amazônia, que, por vezes, preferem mudar-se para outros lugares em busca de melhores condições de vida (Barboza, 2015).

Por meio da literatura paraense, temos, nesse trabalho o objetivo de analisar a melancolia e a saudade dos migrantes sertanejos na Amazônia, os quais foram praticamente obrigados a se deslocar para tal região, visto que a vida no Sertão se fazia difícil. Não havia recursos para desenvolver a agricultura e a pecuária, culminando em inúmeras dificuldades em relação à alimentação. Todavia, o fator mais pertinente acerca da miséria sertaneja foi causado pela elite que dominava a economia local, e que, por sua vez, possuía propriedades com recursos, nas quais os sertanejos poderiam trabalhar na produção agrícola e pecuária gerando renda para sua sobrevivência. Entretanto, os interesses dos proprietários favoreciam a saída dos sertanejos do Sertão, uma vez que sua mão de obra seria usada na Amazônia, contribuindo para que esses sujeitos permanecessem em condições de miséria (Buriti, 2012).

A exploração econômica da Amazônia, por meio da extração do látex da seringueira, demandava mão de obra. Contudo, a princípio, devido ao preconceito em relação à região Norte, havia a ideia de que a Amazônia era um lugar difícil para se viver, onde existiam apenas matas e animais selvagens. Entretanto, por meio de propagandas, essa perspectiva negativa foi modificada (Cunha, 2020). Logo, a região Norte começou a ser vista como uma terra próspera, onde havia trabalho e riquezas, sendo comparada à lendária terra de Eldorado. Essa perspectiva incentivou muitos sertanejos a migrarem para a região com a esperança de melhorar suas vidas,

proporcionando ao governo a mão de obra necessária para o trabalho. Todavia, as condições de trabalho não se mostraram satisfatórias, eram impostas pelos seringalistas, donos dos seringais. Esse trabalho pode ser considerado análogo ao trabalho escravo, visto que os sertanejos não conseguiam se libertar dessa realidade opressora (Furtado, 2018).

Esta pesquisa, de cunho bibliográfico, tem como *corpus* principal de análise o romance *Terra de Icamiba* (1934), do autor Abguar Bastos. Como referencial teórico, utilizam-se artigos que abordam a trajetória dos migrantes na Amazônia, considerando os vários registros dessa temática ao longo do século XX e sua repercussão na sociedade paraense.

No romance, são representados homens que vieram trabalhar na região e confiaram em seus empregadores que, na prática, são descritos como: “gananciosos. traiçoeiros, desconfiados. Para iludir. Sorriem. Finjem meticulosidades para enganar o próximo” (Bastos, 1934, p. 42). Verifica-se, no romance, que o autor enfatiza a ilusão dos personagens, pois os seringalistas enganavam os migrantes, aproveitando-se do trabalho exercido por eles e não os recompensavam de forma justa.

Assim, o que conseguiam com o trabalho não era o suficiente nem ao menos para se alimentarem de maneira satisfatória. Consequentemente, os trabalhadores eram obrigados a contrair dívidas com seus patrões, as quais não conseguiam pagar. Essa situação fazia com que continuassem presos aos seringais.

O autor Abguar Bastos (Belém, 1902 - São Paulo, 1993), intelectual, literato, jornalista e político, iniciou sua carreira erudita como poeta, romancista, ensaísta e historiador. Suas obras foram divulgadas principalmente em jornais e revistas de Belém e Manaus no começo do século XX. Tornou-se um escritor que exaltava os registros amazônicos na literatura paraense (Reis, 2022).

Para Bastos (1934), a literatura produzida na Amazônia deveria contemplar os aspectos e as particularidades dessa região, contribuindo, assim, com o modernismo brasileiro. Em suas obras, também são marcantes questões ideológicas, antropológicas, culturais e políticas relacionadas à realidade da região amazônica. Mesmo quando o autor saiu de Belém em 1930, para morar em outras cidades do Brasil, como São Paulo e Rio de Janeiro, não se desprende da região Norte, e a Amazônia continuou fazendo parte da produção literária do poeta. Pode-se considerar que a política e a poesia foram os principais alicerces de suas produções, contribuindo para uma nova perspectiva acerca da literatura paraense.

Dentre suas produções literárias, destacam-se as obras: *Certos caminhos do mundo*, publicada em 1935, cujo cenário tropical se situa entre o vale acreano e vale do Purus; e *Safra*,

publicada em 1937, uma narrativa de caráter social e coletivista, centrada nos homens que colhem a safra. Destaca-se ainda o romance *Terra de Icamíaba - romance da Amazônia*, publicado no Rio de Janeiro, no ano de 1934, que constitui o *corpus* de análise deste artigo.

O romance *Terra de Icamíaba* tem como foco mostrar a luta do homem com o meio brutal e selvagem. Um dos personagens principais é o migrante que saiu do Sertão do Ceará, buscando uma vida melhor em terras paraenses, na floresta amazônica. O enredo retrata que, no Sertão nordestino, a vida se fazia sofrida, recursos eram insuficientes para a sobrevivência, levando-os a migrar para a Amazônia, com o propósito de conseguirem uma melhor condição de vida.

Entretanto, essa possibilidade não passou de uma utopia para muitos migrantes, diante das condições encontradas durante o período da extração do látex (matéria-prima da borracha). Assim, os aventureiros deparavam-se com uma realidade cruel: trabalhavam como escravos, corriam riscos na mata e sofriam ameaças dos seringalistas que dominavam a região.

Como consequência de todo esse sofrimento, destaca-se, como um dos aspectos de análise da obra literária em questão, a melancolia. Segundo Scliar (2008), Hipócrates (médico da Grécia Antiga) diferenciava a melancolia endógena, em que sem razão a pessoa se torna taciturna e busca a solidão; da melancolia exógena, consequência de um trauma externo. Por um olhar mais filosófico, Aristóteles levanta a questão: por que todos os homens que de certa forma tiveram grandes expressões na filosofia, na poesia entre outras artes, se faziam melancólicos? Pelo visto, mesmo que a melancolia seja algo ruim, em contrapartida pode tornar o seu portador genial em tais ações (Scliar, 2008).

Em relação ao migrante na literatura, a melancolia apresenta-se como um sentimento recorrente em tais registros. Embora esse sentimento possa proporcionar algo positivo, sua maior ação não deixa de ser o sofrimento humano, causado por inúmeros fatores. A melancolia constitui um ponto de análise na obra *Terra de Icamíaba*, uma vez que o sofrimento dos sertanejos em terras paraenses, inicia-se com a saída do Sertão e continua durante grande parte do período que se encontram na Amazônia. Esse sentimento está associado às péssimas condições de trabalho, aos perigos que enfrentavam, bem como à falta de humanidade para com eles.

Como consequência desse sentimento negativo, surge a saudade da terra natal (Sertão nordestino), que para o autor brasileiro José Tobias (1997), é uma lembrança amarga e prazerosa, de um amor que não se faz mais presente (Bertini, 2016). Já com um olhar mais poético, o escritor português Luís de Camões pensa em saudade com um sentido triste e

dramático, posto que se tem lembranças e choro por alguém especial (Bertini, 2016). Como foco também de análise no *corpus* da pesquisa, a saudade é algo evidente no romance, considerando que os sofrimentos passados no Pará, acarretaram aos migrantes tal sentimento pelo Sertão, a lembrança desse espaço contrapõe-se às condições de exploração e sofrimento enfrentadas pelos migrantes nos seringais.

2 Melancolia e saudade do migrante sertanejo

Por intermédio do romance *Terra de Icamiba*, a ficção literária retrata as experiências de migrantes sertanejos em terras paraenses. Entre eles, destaca-se o personagem Lucas, que saiu do Sertão do Ceará com o propósito de conseguir melhores condições de vida. Contudo, tal mudança foi difícil para o sertanejo, pois precisou deixar sua família e seu lugar de origem, adentrando em um percurso de ilusão e sofrimento.

Lucas constituiu família no Pará, composta por sua mulher, Carolina, e o seu filho, Bepe, aos quais dedicava tudo o que conseguia conquistar por meio dos trabalhos que exercia. Ainda assim, o retorno financeiro não era satisfatório, uma vez que a maior parte dos lucros sempre ficava com os comerciantes desonestos. Essa situação proporcionou a Lucas somente os sentimentos de melancolia e saudade de sua terra natal, o Sertão.

2.1 Melancolia do migrante

Já no início, a obra enfatiza o momento em que o migrante sertanejo chega ao Pará e sente o choque de estar em terras desconhecidas: “Lucas aproveita a maré. Fica só, em terra alheia. Os seus olhos são dois açúdes” (Bastos, 1934, p. 14). Essa viagem à Amazônia não foi fácil, pois o migrante deixou para trás a sua história e tudo o que havia vivido no Sertão do estado do Ceará. Essa mudança drástica imediatamente ocasionou uma extrema melancolia ao sertanejo:

Terminando o serviço da estrada de ferro, Lucas perdeu o emprego. Então comprou uma canoa e foi fazer comércio em Mojú. Porém a sorte não o ajudou bastante e Lucas, quazi esmorecido, aventurava, agora, percorrendo o acará. De regresso, já sem fé nos sucessos de vida nova, dismava em voltar ao ninho das jandaias do seu ciará despovoado (Bastos, 1934, p. 18).

Nesse momento, verifica-se o descaso com o personagem Lucas ao longo do seu percurso. Esse percurso provoca a melancolia no migrante, que enfrenta diversas dificuldades,

como conseguir e manter um emprego por um longo período. Embora tenha deixado sua terra, é como se a terra não o houvesse deixado, pois, mesmo distante, Lucas pensa na possibilidade de retornar um dia ao Sertão.

Além disso, é válido observar, que ao chegarem ao novo lugar, os migrantes podem enfrentar dificuldades de adaptação e integração. Desse modo, as difíceis condições encontradas na Amazônia também aparecem, no romance, associadas a imagens negativas desse espaço e à forma como os migrantes eram vistos. No Marajó, por exemplo, os nordestinos são comparados a sucurijus, imagem que evidencia a animalização e a representação depreciativa desses sujeitos.

Quando Lucas conseguiu alguma chance de prosperar na região, foi impedido pela desonestidade dos comerciantes, que se aproveitaram do migrante para obter maiores lucros por meio das negociações. Essas adversidades contribuíram para a melancolia do personagem: “O cearense é predestinado. Briga no Ciará com o fogo. Briga no Pará com as águas grandes. Chega ao Amazonas, briga com o mato. Briga com o impoludismo. Briga com a perfídia dos aviadores e dos mascates” (Bastos, 1934, p. 42).

Outro espaço presente na trajetória de Lucas é o seringal, que apresenta novas dificuldades ao personagem: “Trabalhou muito. Conheceu as madrugadas antes dos passaros e não lhe foi possível o anelo. O leite da seringueira, brilhante e pastoso, foi apenas um relampago de grandeza” (Bastos, 1934, p. 61).

O fator familiar se tornou o principal motivo para o migrante suportar a condição de trabalho exaustivo, visto que Lucas vivia com sua esposa, Carolina, e seu filho, Bepe. Todo o seu esforço no trabalho árduo era direcionado ao sustento da família. Além de trabalhar nos seringais, continuou em busca de algo melhor, explorando terrenos com a plantação de cana, arroz e maniva, e o que conseguiu como lucro, investiu no plano verde das searas.

Lucas continuou fazendo negócios com os homens do comércio, fornecendo produtos agrícolas:

Lucas assinou promissórias que seriam abatidas, entre ambos, se houvesse fracasso. De repente, uma inundação varreu a colheita e demorou nos campos. Quando findou o tempo convencional de vencimento, mandou executar as letras. Sem repartir os prejuízos. Lucas avizado não acreditou (Bastos, 1934, p. 62).

A perda da colheita e os problemas decorrentes das negociações agravam a situação financeira do personagem. Para quitar suas dívidas, Lucas entrega aquilo que havia conquistado com seu trabalho: terras e rebanhos. As perdas intensificam sua melancolia, sobretudo porque

seus esforços estavam relacionados ao desejo de garantir melhores condições de vida para Carolina e Bepe.

Em meio à melancolia, Lucas ainda teve forças para conversar com o filho, a respeito da desgraça que passava. Em uma conversa franca, alertou o filho que não confiasse em ninguém, comparando a bondade com caroços de piquiá, nos quais os espinhos estão escondidos. Sua experiência de sofrimento culmina em suas últimas palavras ao filho: “Ainda disse: – Bepe, eu tenho chorado muito. Ajitou-se convulsamente e escondeu os olhos no unico epigrama de sua vida: – Bepe, a gente, aqui, até perde o geito de morrer. E morreu, de bruços, com vergonha da morte” (Bastos, 1934, p. 63). A melancolia que esteve em grande parte da vida do migrante, durante o período em que viveu no Pará, o acompanhou até o momento de sua morte, encerrando um percurso marcado por perdas, frustrações e sofrimento, desânimo e vergonha, por tudo o que havia passado no processo de deslocamento.

Ademais, observa-se, na obra, um processo de animalização dos migrantes, relacionado às condições extremas às quais esses sujeitos eram submetidos. Essa representação envolve aspectos ligados à alimentação, à higiene e ao isolamento vivido pelos trabalhadores. Segundo Braga (2013), a ausência prolongada de contato com mulheres também integra esse processo de representação, chegando a envolver práticas de zoofilia. Tais elementos contribuem para a construção de uma imagem primitivista, monstruosa e selvagem atribuída a esses sujeitos.

2.2 Saudade do Sertão

No romance, quando o cearense chegou ao Pará, a saudade tomou parte em sua vida, pois deixou os seus vínculos afetivos para trás: “Quando o cearense chora é a saudade que rompe os açúdes: são os parentes queridos que, para matar a sede do amor vêm puxar agua dos olhos do amigo” (Bastos, 1934, p. 15). O impacto provocado pelo distanciamento de sua terra e de seus familiares torna-se, assim, um dos primeiros motivos para que o personagem pense em retornar ao interior do Ceará.

Estar longe de suas origens pode enfraquecer o migrante, e Bastos (1934) enfatiza essa possibilidade na narrativa por meio da luta entre dois animais:

Era a briga da cascavel e do camaleão. Mediam-se, arremeteram, porfiavam. Golpes fulos arrematavam botes elasticos. Mas o que impressionava era a rezistencia do camaleão, que, de quando em quando, saltava, buscava, adiante, a sombra do pracaxi e voltava mais indomavel e forte (Bastos, 1934, p. 19).

Nessa passagem, o camaleão recupera suas forças ao se aproximar do pracaxi (árvore do Sertão). Essa cena pode ser relacionada à experiência do migrante, cuja terra de origem representa o espaço de seus vínculos afetivos e familiares. No Sertão, Lucas contava com a presença da família, que o ajudava a enfrentar as dificuldades do cotidiano. No novo espaço, distante desses vínculos, o personagem encontra-se fragilizado, o que intensifica a saudade de sua terra natal.

Essa adversidade e outras enfrentadas por Lucas, devido à dificuldade em conseguir emprego ou em sofrer no trabalho exaustivo e pouco recompensador, provocavam no migrante a vontade de retornar para o Sertão, pois além de sentir saudade de sua família e cultura, também se recordava da fauna que havia no bioma.

Perante essas péssimas condições de vida passadas no Pará, o cearense sentiu saudade até mesmo das dificuldades vividas no Sertão: “Antes ficar no Ceará e morrer sob a faca do patrício, do que correr o Amazonas e morrer sem alma, porque a alma ficou empenhada, ficou até dobrada, dentro do bolso do regateiro” (Bastos, 1934, p. 42). Observa-se que a experiência vivida na Amazônia intensifica a saudade do Sertão, a ponto de o personagem preferir retornar à difícil realidade de sua terra natal.

Nessa exploração do homem pelo homem, o saldo de todo o trabalho ficava com os patrões, fazendo com que o sentimento de saudade não pudesse ser correspondido, uma vez que os migrantes não conseguiam dinheiro sequer para comprar a passagem de volta para sua terra. Além disso, havia um sistema opressor que não permitia aos trabalhadores reclamarem com os patrões, posto que poderiam ser agredidos fisicamente pelos seus jagunços.

Outro ponto a se pensar é o isolamento social do migrante, que passava a maior parte do dia trabalhando, e por isso, não tinha momentos de lazer, o que, consequentemente lhe causava solidão e tristeza, bem como as relações sociais inconfiáveis nos ambientes de trabalho, pois havia pessoas mal-intencionadas com o intuito de se aproveitar dos outros. Diante disso, evitar tais relações mostrava-se como uma alternativa.

A obra apresenta, portanto, diferentes circunstâncias que despertam no migrante nordestino o desejo de retornar ao Sertão. Contudo, esse retorno se tornou uma utopia. Com a formação familiar e o passar dos anos morando no Pará, o personagem estabelece outras relações com o lugar em que vive, o que pode amenizar a dor provocada pelo afastamento de sua terra de origem. Em contrapartida, o sentimento de saudade permanece, e o sertanejo consciente da realidade, já poderia conformar-se com a morte dos seus parentes mais velhos, e lamentar por não ter conseguido vê-los novamente em vida.

3 Conclusão

Em síntese, o romance *Terra de Icamiba* aborda a migração sertaneja para a Amazônia paraense em um contexto marcado pelas propagandas que apresentavam a região como um espaço de prosperidade e melhores condições de vida. Entretanto, os trabalhadores nordestinos encontraram uma realidade marcada pela exploração de sua mão de obra, favorecendo as classes dominantes do começo do século XX, período marcado pela extração do látex e pela ascensão da produção da borracha.

Como foco de análise da obra literária em pauta, a melancolia e a saudade decorrentes da migração sertaneja na Amazônia causaram nos sertanejos o arrependimento por terem se aventurado na região Norte, a exemplo de Lucas. Esse deslocamento aconteceu pela necessidade que os migrantes tiveram em conseguir melhor condição econômica, em razão das péssimas situações de vida, enfrentadas no Sertão nordestino, resultantes da falta de oportunidade de trabalho.

A produção de Abguar Bastos foi precisa ao mostrar os motivos que provocaram nos migrantes a melancolia e a saudade de sua terra natal. Esses sentimentos estão relacionados à realidade enfrentada na Amazônia, marcada pela floresta densa e perigosa e pela presença de homens que valorizavam apenas a questão financeira, aproveitando-se dos trabalhadores pobres que migraram para esse local de aflição.

Referências

BARBOZA, Edson Holanda Lima. Retirantes cearenses na província do Amazonas: colonização, trabalho e conflitos (1877-1879). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 35, n. 70, p. 131-155, set. 2015.

BASTOS, Abguar. *Terra de icamiaba*. Rio de Janeiro: Andersen Editores, 1934.

BERTINI, Fátima. O conceito de saudade (*Desiderium*): a pertinência de uma tradução. *Santa Bárbara Portuguese Studies*, Santa Barbara, v. 2, p. 1-10, 2016.

BRAGA, Débora Renata de Freitas; SILVA, Allison Marcos Leão da. A selva, de Ferreira de Castro: representações das margens e das minorias. *Língua & Literatura*, Manaus, v. 15, n. 24, p. 143-163, ago. 2013.

BURITI, Catarina de Oliveira; AGUIAR, José Otávio. Secas, imigrações e representações do semiárido na literatura regional: por uma história ambiental dos sertões no nordeste brasileiro. *Textos e Debates*, Boa vista, v. 2, n. 15, p. 7-31, abr. 2012.

CUNHA, Tuylla Rayane Tavares da. Dos sertões nordestinos aos seringais amazônicos: trabalho, exploração e resistência. *In: XIII Encontro Estadual de História*. Natal: Histórias e mídias: narrativas em disputas, 2020.

FURTADO, Marli Tereza. Coronel de barranco, de Cláudio de Araújo Lima, e a Amazônia do áureo período da borracha na literatura brasileira em 1970. *In: Congresso Internacional 2018*. Belém: Associação Brasileira de Literatura Comparada, p. 1895-1902, 2018.

REIS, Marcos Valério Lima. *Terra de icamiaba* de Abguar Bastos e a fundação do romance amazônico. *Projeto História*, São Paulo, v. 73, p. 128-153, jan./abr. 2022.

SAYAD, Abdelmalek. O que é um imigrante? *In: SAYAD, Abdelmalek. A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: Edusp, 1998. p. 45-72.

SCLIAR, Moacyr. O nascimento da melancolia. *Ide*, São Paulo, v. 31, n. 47, p. 133-138, dez. 2008.

Recebido: 25/03/2026

Aprovado: 19/07/2026

Publicado: 29/07/2026